

---

**Educom, um DOC:  
Núcleo de Comunicação e Educação Popular, 20 anos <sup>1</sup>**

Giovani Pereira SELLA<sup>2</sup>  
Emilly Cristina de Oliveira DOMINGUES<sup>3</sup>  
Thiago Tavella FERRARI<sup>4</sup>  
José Carlos FERNANDES<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo a apresentação do documentário intitulado “Educomunicação: 20 anos de Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR”. A produção se realizou a partir da ação coordenada de integrantes do programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep). A experiência da construção do roteiro, enfoque, produção e pós-produção se deu à maneira extensionista, sem investimento financeiro e com alto grau de experimentação e autonomia. O resultado é um registro de base freireana, aproximado da pesquisa-ação, com potencial para popularizar a educomunicação nos meios de ensino e movimentos populares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educomunicação; documentário; comunicação popular; extensão universitária; NCEP.

## INTRODUÇÃO

O *campus* de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) está instalado num prédio de arquitetura escolar da década de 1940, no elegante bairro do Cabral, em Curitiba, Paraná. O local é chamado pelos alunos de “Floresta”, apelido dos tempos em que ali funcionava o prestigiado curso de Engenharia Florestal, da instituição. O cenário só não é mais “cartão postal” porque nos fundos da construção – numa área em que um dia estavam os almoxarifados da universidade – há uma ala destinada ao programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular, o Ncep. A paisagem, ali, é outra.

Tudo na “salinha”, como é chamada, lembra um espaço anárquico, libertário, informal, a exemplo do porão da série *That ‘70s Show*, no qual vizinhos e amigos se reuniam para dialogar. Os móveis são antigos, não raro em estado de desmanche. Um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no **IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania**, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [giovani.sella@ufpr.br](mailto:giovani.sella@ufpr.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 5.º semestre do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [emilly.cristina@ufpr.br](mailto:emilly.cristina@ufpr.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 5.º semestre do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [thiago.ferrari@ufpr.br](mailto:thiago.ferrari@ufpr.br)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Coordenador do Ncep. Professor do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [zeca@ufpr.br](mailto:zeca@ufpr.br)

colchão com estrado serve de sofá. Varais espalhados pelas paredes se prestam a mostruário para cartazes de cartilhas produzidas pelo núcleo. E nos tijolos aparentes das paredes, estudantes de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, que já estagiaram no local, deixam seus nomes registrados com pincel hidrográfico, declarando o período de atividade que cumpriram e afetos expressos em símbolos como corações.

Mesmo quem não faz parte do Ncep – o programa tem capacidade para agregar apenas 25 acadêmicos a cada ano – sabe onde fica a sede. E entende por que a cada semana, em dias alternados, cerca de quatro Kombis com a logomarca da UFPR estacionam no pátio do Departamento de Comunicação, à tarde ou à noite: os veículos transportam os “ncepers”, como os extensionistas do programa foram apelidados, até algumas das atuais dez áreas em que as ações do programa se desenvolvem.

O itinerário pode passar pelo Colégio Estadual João Gueno, na “periferia da periferia” da cidade vizinha, Colombo; a Comunidade Nova Esperança, no município de Campo Magro, uma das cinco ocupações irregulares acompanhadas pelo núcleo na Região Metropolitana de Curitiba; ou o Presídio Estadual de Piraquara, complexo que abriga mais de 10% da população carcerária do Paraná.

O Ncep atua também junto a refugiados do projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), pacientes do Hospital de Clínicas da UFPR, contaminados pelo HIV, população transexual e travestis. Circula na mais antiga zona empobrecida da capital paranaense, a Vila Torres, faixa de terra, beira rio, resquício da famosa Favela do Capanema, desfavelizada à custa de erguer o Jardim Botânico, ponto turístico mais visitado de Curitiba. A vila, contudo, resiste. Bastam 40 minutos a bordo das Kombis para encontrar uma capital sem saneamento e asfalto, e sem habitação que mereça este nome. São espaços por excelência, dada sua urgência, para as atividades extensionistas (Gonzalez, 2022).

Em 2023, o núcleo comemorou duas décadas de atividades ininterruptas, sendo uma das mais antigas extensões universitárias da centenária UFPR. Tudo começou em 2003, por iniciativa de uma comunicadora, pesquisadora e extensionista raiz – a professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, que, inclusive, figura entre as pioneiras da Intercom. Remanescente das lutas operárias do ABC Paulista, sua região natal, Rosa trouxe para o projeto um pouco de tudo o que a formou como intelectual e cidadã: o método “ver-julgar-agir” da Ação Católica; a “pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire; a comunicação popular nas ligas camponesas; a Teologia da Libertação, com seu apelo

---

para a construção terrena do Reino de Deus; e a condensação de todos esses saberes na teoria e prática da educomunicação (Melo, 2008).

Tanto quanto essas referências, a educadora imprimiu no núcleo a prática de gestão horizontal, comunitária, um legado que permanece até hoje como maior trunfo do Ncep: o programa é coordenado pelos estudantes, provável segredo de sua longevidade. Coube ao documentário "Educomunicação: 20 anos de Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR" – dirigido pelo estudante de Jornalismo Giovani Pereira Sella (2024), com produção de Emilly Domingues e Thiago Tavella Ferrari – captar a singularidade de um grupo de universitários que passa uma parte da semana nas ruas; e, nas tardes de quinta-feira, compartilha o que encontrou fora dos muros da UFPR, em lugares aos quais não costumavam transitar, ou nem sonhavam com isso. Paralelo, o documentário registra a voz de criadores, inspiradores e remanescentes desse projeto que, como um sonho de juventude, não envelhece.

## **DOCUMENTÁRIO, UMA IDEIA**

A ideia de fazer um documentário sobre o Núcleo de Comunicação e Educação Popular passou por diversas cabeças, em diferentes épocas. Foi projeto de TCC não continuado. Uma proposta acalantada pelo próprio grupo, mas sem avanços. E vem à tona toda vez que um dos mais de 300 egressos do Departamento de Comunicação, que passaram pelo Ncep em duas décadas de atividades ininterruptas, narra sua experiência extensionista (Montipó, Fernandes, André, 2023b).

Diante dessas histórias contadas “a quente”, de maneira aleatória, o impulso é documentar as falas dos ex-membros, por sua espontaneidade, emoção e verdade. A tônica das declarações é quase sempre: “A minha vida se divide em antes e depois do Núcleo de Comunicação e Educação Popular”. Não raro, alguém relata que as escolhas profissionais futuras nasceram na “salinha” com cara de almoxarifado, o que parece se confirmar diante do número considerável de membros antigos que criaram ONGs ou atuam em organizações sociais, a exemplo de organizações como Cefúria e Terra de Direitos, ambas locais e de expressão na ação social.

À primeira vista, parece exagero que a extensão tenha marcado mais as memórias dos estudantes de comunicação da UFPR que os projetos de ensino e iniciação científica. Mas uma pesquisa de fôlego com egressos do Departamento de Comunicação, iniciada em 2022, por três professores do Decom (Myrian Del Vecchio de Lima, Hendryó André

e José Carlos Fernandes), confirma as declarações: 70% dos 90 entrevistados, entre estudantes que passaram pelo Decom nos anos 2011-2020, fizeram extensão. Desses – 73% afirmam que essa atividade teve impacto em suas vidas. A pesquisa ainda está em processo, mas os indícios são de que parte considerável das respostas se referem ao Ncep, programa que mais ofereceu vagas no período estudado<sup>6</sup>.

Em pesquisa simultânea, feita com 35 egressos do núcleo (Montipó, Fernandes, André, 2023a), também emerge a afirmação de que a participação na extensão marcou escolhas futuras, sistemas de crenças e a ética das práticas profissionais. Os resultados indicam que aferições semelhantes deveriam ser feitas em mais projetos e programas de extensão, por seu potencial revelador em torno dos efeitos da educação compartilhada, horizontal e dotada de práxis no que se convencionou chamar de “educação transformadora” (Gonçalves, Quimelli, 2017).

Esse saldo de memórias calorosas e frequentes parecia pedir um documentário à moda Eduardo Coutinho – tal como o método é dissecado nas obras de Carlos Alberto Mattos (*Sete faces de Eduardo Coutinho*, 2019) e Consuelo Lins (*O documentário de Eduardo Coutinho*, 2004), para citar dois. O critério usado: interferência mínima, audição máxima, para registrar a trajetória de um programa de extensão, sabendo de antemão que a educação acerta quando coloca estudantes em roda de conversa, para que partilhem o que viveram na rua, com tudo o que a rua possa significar no imaginário dos comunicadores.

Entre as inspirações para essas práticas está Luiz Rufino, autor de *Pedagogia das encruzilhadas* (2019).

A partir do saber das encruzilhadas, a transgressão da colonização das mentalidades emerge como um ato de libertação, que produz o arrebatamento tanto dos marcados pela condição de subalternidade (colono), quanto dos montados pela condição de exploradores (colonizadores). A prática das encruzilhadas como um ato decolonial não mira a subversão, a mera troca de posições, mas sim a transgressão (Rufino, 2019, p. 5).

A sugestão dada pelos entrevistados – formal e informalmente – de que a extensão é uma espécie de superávit da educação superior, acabou por impor uma nova responsabilidade à produção do documentário: investigar em que medida a

---

<sup>6</sup> Estudo em fase de consolidação, daí estar sem referência bibliográfica publicável.

---

educomunicação, teoria e prática que move o programa, está na raiz dessas histórias felizes e decisivas (Peruzzo, 2004).

Ao optar por esse caminho, a produção desviaria do risco de apenas angariar discursos laudatórios, que tenderiam a reforçar o senso comum de que a “educação salva”, entre outros clichês desgastados. A experiência dos entrevistados, em soma com as perguntas das entrevistas encaminham as respostas para algo além da mera experiência na extensão universitária, para o reconhecimento de transformação social.

Portanto, o documentário, com direção dotada de intencionalidade, procurou captar o sentimento flagrante entre ex-“ncepers” e “ncpers” (apelido dos participantes) de que a educação inesquecível tem um perfil comunitário, inserido, dialógico, relacional, na contramão da mesmice, como idealizou Paulo Freire (2021).

Diz Hooks (2017, p. 66):

Quando encontrei a obra de Paulo Freire, bem num momento de minha vida em que estava começando a questionar profundamente a política da dominação, o impacto do racismo, do sexismo, da exploração de classe e da colonização que ocorre dentro dos próprios Estados Unidos, me senti fortemente identificada com os camponeses marginalizados de que ele fala e com meus irmãos e irmãs negros, meus camaradas de Guiné Bissau. [...] Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade de resistência.

A palavra “educomunicação” – profunda, motor de tantas bibliografias, mas também simples e autoexplicativa – passou a integrar o roteiro de documentário, como um norte. Para surpresa, mereceu a acolhida dos nove entrevistados. O resultado é que o audiovisual presta tributo aos 20 anos do núcleo, mas, em paralelo, documenta a força de uma construção intelectual profundamente brasileira – reconhecida por autores como Mara Rovida (2020); e Raquel Paiva (2009), entre outros. Dialoga com as provocações libertárias de Bell Hooks – autora de *Ensinando comunidade* (2021) e *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (2017), mas é em sua essência saldo de Paulo Freire, Francisco Julião, Hélder Câmara, Leonardo Boff, Demerval Saviani e, em especial, Sobretudo, emula a obra Ismar de Oliveira Soares (Imagem 1) – um dos entrevistados e marco na educomunicação brasileira.

## A MEMÓRIA DO NÚCLEO

---

Ao longo de sua existência, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular colecionou feitos notórios, como o intercâmbio com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM), em Moçambique. No ano de 2016, quatro alunas da UFPR, extensionistas do Ncep, estudaram no país africano para auxiliar na criação do Núcleo de Educação e Comunicação Social (NECS) aos moldes do núcleo curitibano. Em contrapartida, outros três alunos vieram para o Brasil, participar e se familiarizar com a educomunicação. A experiência tem ineditismo e promoveu as relações com as raízes africanas, para além dos discursos protocolares de gabinete (Carvalho, Gomes, Scharlau, 2016).

Na galeria de grandes feitos, o programa também experimentou a projeção do jornal comunitário *A Laje*, produzido em parceria com o Movimento Nacional de População de Rua (MNPR), com encerramento doloroso em 2018, na medida em que o MNPR se politizou, deixando de ser um espaço de expressão livre do público alvo. O jornal, que era escrito por e para pessoas em situação de rua, rodou por oito anos até ser descontinuado (Guilmo; Pedro, 2018). Sua circulação foi importante para a conquista de melhores condições de vida para essa população na cidade de Curitiba e uma marca da produção extensionista, integrada com a população mais vulnerável.

Devido à alta rotatividade de integrantes do núcleo – o grupo se renova a cada dois anos –, é de extrema importância que as vivências sejam rapidamente passadas e absorvidas por novos participantes. Há um empenho para que em pouco tempo os alunos consigam pôr em prática a educomunicação e ver o efeito de suas ações na comunidade às quais o “nceper” se dedica. O documentário é, nesse sentido, um suporte para que os interessados a integrar o projeto compreendam e se familiarizem com as matrizes da educomunicação e da educação popular. E para quem mais gravite em torno do assunto.

## **PROCESSO MUTANTE**

O projeto do documentário, diga-se, tem de espelhar essa riqueza de experiências, na sociedade e na experiência dos participantes. Em sua concepção, foi composto por entrevistas com ex-integrantes e figuras notórias da história do Ncep. Ao todo, nove personagens foram entrevistados, sendo sete presentes na edição final. A duração das entrevistas oscilou entre 50 minutos e 1h30. O roteiro foi desenvolvido a partir da decupagem em tópicos do material. Esse processo possibilitou que uma linha narrativa lógica e envolvente fosse desenvolvida na edição.

---

Como mencionado, a proposta de fazer um documentário sobre o Ncep surgiu em 2023, quando o programa de extensão completou 20 anos. Diante de uma história tão rica, o projeto se expandiu. Para além de um vídeo comemorativo, o filme se tornou uma peça que contempla histórias, conquistas, influências, a ética do núcleo e o desenvolvimento histórico da educomunicação e comunicação popular no Brasil (Citelli, 2017; Paiva, Barbalho, 2005).

Para a concepção do roteiro e edição, todas as falas foram separadas em grandes tópicos. As entrevistas foram gravadas na célebre “salinha” do projeto, espaço que acabou se tornando também um personagem do documentário. A câmera foi colocada distante dos entrevistados, para que esquecessem de que ela estava lá e conversassem de forma natural e direta com o entrevistador.

A “parede de memórias” – na qual estão cartazes, camisetas, fotografias dos projetos que formam o Ncep – passou da categoria de “bom cenário” para símbolo da vivacidade do núcleo, sempre em movimento, sem deixar de agregar as marcas dos que por ali passaram, como provam as inscrições nas paredes.

A cor do projeto atualmente é a laranja, predominante no filme e que contrasta com detalhes azuis no cenário, GCs e roupas de certos personagens, de maneira intencional. Esses tons e contrastes foram intensificados na correção e tratamento de cor dada às filmagens.

Dentre os entrevistados, destacamos o professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP), Ismar de Oliveira Soares, marco no desenvolvimento da educomunicação no Brasil, do ponto de vista teórico, com suas numerosas publicações, mas também uma espécie de missionário. Ismar (2011) professa a crença de que a educomunicação pode se desenvolver em todos os espaços, como os de saúde e empresariais.

Merece menção especial a educadora e comunicadora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, criadora, em 2003, do Núcleo de Comunicação e Educação Popular. O modelo de gestão horizontal trazido pela professora permanece no programa e serve de modelo para a extensão. Acrescente-se o extensionista Toni André Scharlau Vieira, jornalista, professor do Departamento de Comunicação, educador. Ele responde por um dos maiores marcos do núcleo em 20 anos – o intercâmbio com a Universidade de Maputo, que levou quatro alunos para intercâmbio de extensão no país africano, em 2015.

A lista de vozes é potente. Passa pelo Anderson Moreira, jornalista, membro da primeira turma de extensionistas e desde esse momento, tornou-se um militante das causas sociais, referendado em Curitiba e região. Por Dayane Farinácio Guimarães (imagem 2), jornalista, ex-nceper, ex-intercambista na África, uma das muitas egressas que se diz marcada pelo programa, de forma definitiva. Por Plínio Pereira Lopes, jornalista, ativista, repórter do site *Sumaúma* – criado por Eliane Brum, colaborador da revista *Piauí* e da Agência Lupa, entre outros – espécie de eterno nceper, com trabalhos e pesquisa que unem jornalismo de dados e comunicação e direitos humanos.

Ainda que em processo, a soma dos depoimentos recolhidos para o documentário gera material de pesquisa e se enquadra na categoria de pesquisa-ação, por objetivar um tema, problematizá-lo, confrontá-lo à teoria, cumulá-lo de intenções. As primeiras exhibições do audiovisual, inclusive, já acarretaram – pela dialogicidade – sugestões e inclusões e abordagens, coroando o princípio da dinamicidade (Lorenzi, 2021).

**IMAGEM 1** – Frame do documentário com Ismar de Oliveira Soares na salinha do Nceper, na UFPR.



Fonte: Sella, 2023.

**IMAGEM 2** – Frame do documentário com jornalista Dayane Farinácio, ex-nceper e intercambista.



Fonte: Sella, 2023.



---

## CONSIDERAÇÕES

O documentário “Educomunicação...” é produto de um processo de reflexão e investigação histórica e exploração documental. Reflete os 20 anos de um projeto de extensão, ainda em um primeiro corte. Soma 45 minutos de duração. O filme – feito à moda amadora e sem recursos – possui uma estética e linha narrativa definida. Há momentos de comoção e relatos valiosos de ex-integrantes do Ncep, assim como falas emblemáticas de figuras importantes para a educomunicação, como Ismar de Oliveira Soares e Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. As declarações são afirmativas da importância da cidadania quando colocada no centro da formação universitária (Carvalho, 2016). No conjunto, constitui material formativo e de investigação sobre a natureza da extensão, a partir de um programa em específico, o Ncep.

O documentário, de antemão, se tornou parte importante da formação e passagem de seus produtores pelo núcleo, em 2023. Para fazê-lo, foi necessário um aprofundamento histórico e teórico na educomunicação e no Ncep, com leitura atenta de documentos que estavam no arquivo morto da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR, à espera de serem lidos. Projetos e programas de extensão, comumente são vistos como fugazes, pois realizados por estudantes em estado e experiência intermediária, num breve momento de suas vidas estudantis. Mesmo assim, mostraram-se documentos reveladores, sobre um pilar que é a essência da formação humanística: o estar junto, pé no chão da realidade.

Além dos aspectos emocionais e documentais conjugados, importa ressaltar que a investigação sobre um projeto de extensão em específico tende a ser reveladora sobre a construção própria da extensão. Os princípios, como a dialogicidade e a interdisciplinaridade se fazem presente em cada declaração de estudantes e pesquisadores, mesmo quando expressos de forma velada e antiacadêmica (Amaral, Bonfim, Bronosky, 2021; Gonçalves, Quimelli, 2017)

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel. BONFIM, Ivan. BRONOSKY, Marcelo. **Extensão universitária & jornalismo: caminhos coletivos**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2021.

CARVALHO, Guilherme; GOMES, Evanise Rodrigues; VIEIRA, Toni André Scharlau. **Internacionalização da Educomunicação: desafios metodológicos na relação Curitiba-Maputo. Educomunicação e diversidade: tecendo saberes**. São Paulo: ABPEducom Edições, 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 22.<sup>a</sup> ed. Edição atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CITELLI, Adílson (org.). **Comunicação e educação**: os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. QUIMELLI, Gisele Alves de Sá. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: Ed. CRV, 2016.

GONSALEZ, Alexandra. **Jornalismo comunitário**. São Paulo: Contexto, 2022.

GUILMO, Milena Aíssa da Silva; PEDRO, João Eduardo Pereira. A relação com os parceiros de um projeto de extensão: dificuldades que movem aprendizados. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO CIDADÃ. **Anais [...]**. São Luís: Abpcom, 2018. p. 1-8. Disponível em: <http://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2020/05/5-2.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes/WMF, 2017.

HOOKS, Bel. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LORENZI, Gisele Maria Amin Caldas. **Pesquisa-ação**: pesquisa, refletir, agir e transformar. Curitiba: InterSaberes, 2021.

MATTOS, Carlos Alberto. **Sete faces de Eduardo Coutinho**. São Paulo: Boitempo, 2019.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação, São Paulo: Paulus, 2008.

MONTIPÓ, Criselli. FERNANDES, José Carlos. ANDRÉ, Hendryo. A extensão que se faz história de vida: impressões sobre um programa chamado Ncep. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2023. <Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0816202320405964dd5e8b9c2e7.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202320405964dd5e8b9c2e7.pdf). Acesso: 27/6/2024.

MONTIPÓ, Criselli, FERNANDES, José Carlos. ANDRÉ, Hendryo. Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) e extensão universitária: uma análise dos 20 anos da ponte entre comunidade e o Decom da UFPR. **Anais...** São Paulo: Intercom Regional Sul, 2023. <Disponível: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/10/04202023163533644194054c2c4.pdf>. Acesso: 27/6/2024.

PAIVA, Raquel. BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

PERUZZO, Cicilia, M. K. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PERUZZO, Cicilia, M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p. 46-61.

---

<Disponível em : [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/download/947/887](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/947/887). Acesso: 4/5/2024.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias**: o diálogo social solidário nas bordas urbanas. Curitiba: Ed. CRV, 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SELLA, Giovani Pereira. **Educomunicação: 20 anos de Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR**. Curitiba: Núcleo de Comunicação e Educação Popular/Floresta Edições, 2024. (45 min.), Digital, son., color. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/117HCM0zp8POTjTCdqlMmqTTKQOIbhb-E/view?usp=sharing>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.